

JOSÉ ESTEVES, O DESPORTO E AS ESTRUTURAS SOCIAIS*

António Sousa Santos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Departamento de Educação Física, Desporto e Tempos Livres

Faz sentido reeditar, hoje, *O Desporto e as Estruturas Sociais*? Que mais fica, para além da homenagem ao autor, da leitura ou releitura duma obra publicada em 1967? Que nos pode dizer de novo este livro - que não é um livro de sociologia do desporto, porque o José Esteves não é sociólogo, e não utiliza as abordagens, os métodos e as técnicas de análise, o discurso e a terminologia das ciências sociais - quando livros de sociologia do desporto já chegam com alguma regularidade às nossas livrarias, na língua original, inglês, francês, ou traduzidos em espanhol, é certo, mas chegam. Não está datado, *O Desporto e as Estruturas Sociais*? Que chaves para o entendimento do actual paradigma do desporto facultará uma obra escrita a pensar na demolição ou na desmontagem dos fundamentos do paradigma anterior a este, e que parece tão longe de nós, já?

Quem vai hoje ler um livro que não é pós-moderno porque é assumidamente moderno, que assenta em convicções, que defende valores morais, que legitima a esperança dum desporto melhor numa sociedade melhor, que não é panfletário, mas pelo interior do qual corre um sopro de indignação, de revolta intelectual, de necessidade de denúncia que faz dele uma obra "comprometida"?

Faz sentido esta reedição? E se faz sentido, que sentido faz?

Pois faz todo o sentido publicar de novo esta obra por sólidas razões que se passam a expor.

Em primeiro lugar, há nesta reedição uma vertente "efeméride", o reavivar dum nicho de memória colectiva dos que nos anos 60 já tinham chegado à idade da razão e que por isso necessitavam de ancorar em suporte sólido a razoabilidade do seu descontentamento, do seu desamor, da sua oposição a um poder fechado, hostil ao saber, à inteligência e à criatividade fora dos seus próprios parâmetros intelectuais e morais, repressivo, irrazoável.

No domínio do desporto, o livro do José Esteves foi, na época, um instrumento dessa procura de razoabilidade, e foi-o com a força duma revelação, o impacto duma evidência já suspeitada, mas não formulada à minguia de saberes fundamentados e com livre circulação nas fontes de informação então disponíveis.

Com a leitura de *O Desporto e as Estruturas Sociais* foi possível romper - e todos os que o leram operaram certamente essa ruptura - com o discurso então dominante sobre o desporto. Um discurso exclusivamente pedagógico, higienista, culturalista, mas duma cultura serôdia que radicava no idealismo coubertiniano na sua pior face, elitista e retrógrado, resistente à incorporação na filosofia desportiva das novas realidades culturais, das novas dinâmicas sociais, e dos resultados do confronto político-ideológico, a nível planetário, que marcou aqueles anos.

Um discurso sobre um desporto desejado politicamente neutro e socialmente asséptico, que era farisaicamente alimentado e reproduzido pelo poder e que ocultava aquilo que José Esteves desocultou para nós: a proeminência do social no funcionamento do sistema desporti-

* Texto do Prefácio à obra: "O Desporto e as Estruturas Sociais: um ensaio de interpretação do fenómeno desportivos", Edições Universitárias Lusófonas, 1999.

vo, a fundura das raízes sociais das actividades desportivas e como ela determina a configuração das formas e conteúdos destas actividades, o acesso à sua prática, e o modo como nela usamos socialmente os nossos corpos.

O Desporto e as Estruturas Sociais falava de tudo isto, com o recurso inevitável, sempre que necessário, à linguagem cifrada e elíptica que os condicionalismos da época impunham, e com o grande, o enorme mérito suplementar de propor, não a visão acabada do desporto socializado, mas a curiosidade por novos caminhos de investigação e descoberta: Foram, todos os seus leitores da altura, gente do desporto, jornalistas, escritores e tantos outros, alertados por estes recados de José Esteves.

Um ano depois da publicação do livro, o debate de ideias mais rico, mais original e mais fecundo na história do desporto moderno, opôs, em França, o grupo “esquerdista” de J.M. Brohm e P. Laguillaumie, apoiados principalmente em Marcuse e W.Reich, aos ideólogos do desporto do PCF e da FSGT, R. Merand, J. Rouyer, R. Moustard, Y. Adam, e outros, na análise do papel social dum sistema desportivo cada vez mais inelutavelmente conformado por uma sociedade que se mercantilizava, espectacularizava e mediatizava de forma acelerada e imparável.

Pelo menos para os mais atentos, os que procuravam e conseguiam acesso aos circuitos clandestinos de informação ou a recebiam de fora, no curto período que mediou entre a publicação de *O Desporto e as Estruturas Sociais* e a saída dos números da *Partisans* e de *La Nouvelle Critique*, veículos celebrados daquela polémica, cumpriu-se um breve mas intenso ciclo de iniciação ao bom uso dos instrumentos conceptuais de desmontagem da natureza corruptível e corruptora dum sistema de práticas desportivas imerso na competição desenfreada, nas redes do consumo, nas lógicas do mercado, envolvido em relações promíscuas com a política e os negócios e em casamento de interesse com a comunicação social.

Naqueles anos, até 74, o vocábulo “sociais” no título de uma obra, era um desafio às regras da cultura dominante e um motivo desencadeador, quase intuitivo, da apetência pela sua leitura. Hoje, funcionará mais provavelmente como um factor inibidor, um repelente, dado o estado de catalepsia cívica e ética em que parece estar mergulhada uma parte da nossa sociedade e das suas elites.

Quer isto dizer que, em lugar da grande audiência que o festejou em 67, este livro terá agora, nesta reedição, um acolhimento mais restrito, apenas de especialistas das ciências sociais, de universitários, de agentes desportivos, daquele grupo dos “empenhados” indefectíveis, sempre despertos para o conhecimento das maleitas sociais e seus diagnósticos? É possível, mas quem o reedita aceita, assim, os riscos dum desafio à medida do autor e da sua obra, os do apostolado cívico em forma de provocação permanente.

Não referir, no prefácio desta quarta edição, a dimensão de intervenção política e de combate ideológico, pujante em *O Desporto e as*

Estruturas Sociais e determinante no seu êxito, ao tempo das edições anteriores, seria desprestigiar e atraí-lo José Esteves, seria cobrir com um manto de ocultação ou desinformação mais odioso do que o de há 30 ou 40 anos atrás, porque hipócrita nos seus pressupostos e objectivos, uma obra que marcou decisivamente, à esquerda e pela sua carga “oposicionista” (no dispositivo dos posicionamentos político-ideológicos da altura) a história das ideias sobre o desporto no nosso país. Por isso, cá fica a referência.

Em segundo lugar, mantém-se actual na obra o valor científico duma abordagem do fenómeno desportivo que propõe hipóteses de interpretação absolutamente pertinentes. Já foi dito antes numa preocupação de clarificação e de cientifismo excessivos que o próprio autor exige, que *O Desporto e as Estruturas Sociais* não é, em sentido estrito, uma obra de sociologia do desporto: é antes uma reflexão sobre o desporto que, na lógica organizadora do seu discurso, elege o “social” como principal protagonista, *meneur de jeu* numa história cujos desenvolvimentos se constroem e estruturam sob o império das suas leis e às ordens da sua batuta. Aliás, o próprio autor acentua esta vertente reflexiva e eventualmente especulativa do seu estudo, classificando-o, nesta edição, como um “ensaio de interpretação do fenómeno desportivo”.

Mas não há, no trabalho de José Esteves, ausência de rigor, maiores flutuações conceptuais do que aquelas que o próprio exercício sistemático da dúvida impõe, nem uma opacidade discursiva que disfarce a falta de ideias e de propostas fiáveis. Aliás, *O Desporto e as Estruturas Sociais* foi editado pouco depois do fim do período (1950/64) que, na datação de R. Thomas (*Sociologie du Sport*, PUF, 1987) constitui a “etapa normal” do nascimento da sociologia do desporto. Como José Esteves terá, seguramente, imaginado, concebido e preparado a escrita do seu livro ainda durante aquele período, é legítimo afirmar que ele integra, de pleno direito e para satisfação de todos os seus leitores, o grupo de autores fundadores desta ciência, em boa companhia de outros licenciados em educação física sem formação académica na área das ciências sociais e da própria sociologia.

A questão mais interessante que se coloca na óptica da avaliação do valor científico da obra, nesta sua nova versão, como instrumento de análise do fenómeno desportivo, reside afinal na própria avaliação do volume, qualidade e sentido do trabalho de actualização realizado pelo autor. Ou seja, medir o valor de uso instrumental desta actualização e julgar se foi incapaz de evitar que a obra se quedasse num registo quase historicista de retrato crítico dum paradigma do desporto historicamente já caduco, ou se, pelo contrário, o seu uso operativo, para o mesmo efeito, é também viável com o paradigma do desporto de hoje, que se inicia quando as filosofias politicamente conservadoras e as economias neoliberais se instalam na governação dos países do bloco ocidental, e que não tem ainda fim à vista.

Na realidade, José Esteves, não só realizou um trabalho notável de actualização da obra, como praticamente a reescreveu. E, naturalmente,

José Esteves, o Desporto...

manteve nela intocadas, intactas, a força crítica, a capacidade de despertar (ou abalar) consciências, e de estimular mais e novas leituras, que foram razões incontestadas do seu sucesso em 67, e também nas reedições de 71 e 75.

A estrutura do texto foi reformulada, com eficácia e felicidade na economia da obra: desapareceram os grandes agrupamentos de capítulos; estes passaram de 25 para 21; alguns não foram retomados, sem que daí tenha resultado algum défice de conteúdo; novos capítulos foram introduzidos, reforçando a pedagogia e o sentido interveniente do texto.

Mas é ao nível da qualidade, pertinência e actualidade da informação transmitida, e do seu tratamento conceptual que se pode falar do livro de José Esteves não como de um livro novo, mas como obra rica de “coisas” novas, dos dados estatísticos à configuração racionalizadora da realidade desportiva que traduzem, da análise dos factos desportivos à previsão dos seus desenvolvimentos futuros.

Merece destaque a nova introdução, que recentra de forma mais rigorosa o objecto do ensaio, equilibrando o humanismo personalista tão caro a José Esteves (veja-se como a questão da “competição”, do âmbito das relações interpessoais, constitui o suporte filosófico determinante na análise do autor) com uma abordagem claramente ideologizante do fenómeno desportivo nas suas expressões materializadas.

Os conceitos e factos referenciados (monetarismo, economicismo, classismo, machismo, racismo, desemprego e outros), o uso dos dados estatísticos dos relatórios anuais do PNUD, as formulações originais como a de “democracia congelada”, contextualizam a abordagem do desporto contemporâneo na mais absoluta contemporaneidade, a da sociedade de mercado, da globalização e do pensamento único.

E como estes temas se tornam recorrentes ao longo de todo o texto, quem ler a introdução e passar ao primeiro capítulo já sabe “ao que vai” até à última linha do livro.

A destacar igualmente os novos ou recriados capítulos dedicados ao espectáculo desportivo e temas afinitários. A análise dos conteúdos deste segmento do fenómeno desportivo, o retrato demolidor de alguns dos seus poderosos protagonistas e a escarpelização de eventos míticos como o Tour ou de condutas desviantes como o doping, são os melhores contributos para a recentragem, de que já se falou antes, da problemática abordada no ensaio.

Nem todos os leitores desta versão actualizada da obra de José Esteves estarão de acordo com algumas opções metodológicas, propostas conceptuais e posturas do autor. Poder-se-á estranhar, por exemplo, a coexistência no texto de um discurso de objectividade científica com um discurso personalizado, logo subjectivado, muitas vezes de pendor memorialista. Acrescentando embora espontaneidade ao ensaio, este cruzamento de discursos pode retirar à obra algum do rigor que ela exige. Também um utopismo excessivamente assumido pelo autor pode dificultar a leitura do texto, constituindo-se como um

obstáculo ao entendimento do processo de concretização prática de algumas propostas formuladas, tal o grau de exigência ética nelas contida e o seu distanciamento da realidade factual. Poder-se-á ainda lamentar que o autor dê um forte contributo ao mainstream actual de desvalorização da política, de demonização dos partidos, de menorização dos políticos, numa atitude redutora da complexidade e seriedade do jogo de formulação de ideários e de praxis políticas na sociedade de hoje.

São questões, no entanto, que não invalidam o essencial nesta quarta edição de *O Desporto e as Estruturas Sociais*: está nela tudo o que é determinante para o entendimento do paradigma actual do desporto, na sua génese como no seu funcionamento. E se não é uma obra aberta, ela própria, a muitas leituras, é-o nos caminhos que rasga a outras e diferentes leituras. A quem se queira aventurar na descoberta do desporto que hoje temos, é indispensável ler José Esteves antes de passar a outros autores. Ou relê-lo. Aliás, se há livros cuja releitura se impõe como obrigatória, *O Desporto e as Estruturas Sociais* é seguramente um deles.